

O LAZER DAS CRIANÇAS NO BAIRRO UBERABA EM CURITIBA: A DIALÉTICA ENTRE OS ESPAÇOS DE LAZER E A PROBLEMÁTICA URBANA NA PERIFERIA¹

MS. ALINE TSCHOKE

Mestre em Educação Física (Universidade Federal do Paraná/2010)
Professora de Educação Física do Instituto Federal do Paraná, Pesquisadora do GEPEC- Grupo
de Estudos e Pesquisas em Espaço Lazer e Cidade (Curitiba – Paraná – Brasil)
E-mail: aline_tschoke@yahoo.com.br

DRA. SIMONE RECHIA

Pós-doutora em Educação Física (Instituto Nacional de Educação Física da Catalunha
Barcelona/Espanha 2009), Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná,
Coordenadora do GEPEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Espaço Lazer e Cidade
(Curitiba – Paraná – Brasil)
E-mail: simone@ufpr.br

RESUMO

A intenção foi analisar como os espaços públicos de lazer na periferia de Curitiba atendem as necessidades infantis, suas relações com a gestão pública e a problemática urbana. Os procedimentos metodológicos foram: aplicação de protocolos, observações, entrevistas com lideranças locais, e análise interpretativa. Conclui-se que nessa região existem poucas possibilidades para a vivência do lazer infantil, limitadas pela violência, vazio dos espaços, raridade de ações do Estado, ausência dos pais no cotidiano infantil. Parece inerente a necessidade de articular ações para a vivência do lúdico, mobilizando a comunidade e o Estado na busca do direito ao lazer na infância, nas periferias das grandes cidades.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; lazer; infância; periferia.

1. Este trabalho contou com apoio financeiro da CAPES, materializado na forma de bolsas de mestrado tipo PROF 2008/2009.

INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos é, segundo Rechia (2006, p. 92), configurada por características pós-industriais, com destaque aos avanços tecnológicos e seus desdobramentos, que levaram a sensíveis transformações sociais. Em relação às práticas corporais, salienta-se a limitação do espaço/tempo de lazer no meio urbano para a fruição da cultura corporal. Nesse sentido, Lefebvre (1999, p. 77-98) compreende meio urbano como ponto de intersecção entre os níveis global (representado pelo poder do Estado e dos homens), misto (que seria o nível urbano representado pela cidade) e o particular (onde se estabelecem as relações entre o hábitat e o habitar do indivíduo). Considerando esses níveis, é no meio urbano que podemos perceber o espaço como projeção das relações sociais.

Infere-se que a limitação do espaço também gerou, principalmente para crianças e jovens, uma redução dos espaços do brincar, que foram aos poucos saindo das ruas e quintais e se consolidando em espaços públicos limitados e/ou pré-determinados para o lazer.

Sendo assim, parte-se do pressuposto de que a escola passou a ser, na sociedade moderna, um dos espaços privilegiados para que as crianças possam experimentar a dimensão lúdica. Esta afirmação se fundamenta em pesquisas coordenadas pelo grupo de estudos das quais as autoras fazem parte. Dessa maneira, percebeu-se que o espaço escolar possibilita, em diferentes intensidades, interessantes e diversificadas formas de apropriação e sociabilidade na sua dinâmica cotidiana, fazendo com que alguns espaços se transformem em “lugares” através da significação dada a eles pelos alunos, levando em consideração a diferença entre espaço e lugar assinalada por Tuan (1983, p. 3). Para o autor, o espaço representa liberdade, possibilidade, um convite à apropriação, à ação. Quando tal espaço é transformado em “lugar”, passa a ser dotado de significado, tornando-se parte do indivíduo, fechado no sentido de segurança e representatividade. Acredita-se que, da mesma forma como ocorre com os espaços da escola, outros espaços públicos, tais como praças, bosques, parques, também podem ser intensamente apropriados pelas crianças no meio urbano.

Diante desse contexto, torna-se relevante investigar como os espaços públicos, além do escolar e em diferentes contextos sociais, atendem a necessidade infantil de experimentar a dimensão lúdica de forma ampliada, e de que forma esses espaços estão sendo potencializados pelo planejamento urbano e/ou por programas municipais ou federais de incentivo ao lazer, aqui especificamente no bairro Uberaba, localizado na periferia da cidade de Curitiba, Paraná.

Mesmo que alguns autores² venham demonstrando interesse em discutir as formas de apropriação dos espaços e equipamentos de lazer e suas relações com as políticas públicas, acredita-se que este estudo trará novas contribuições para pesquisas na área, bem como a possibilidade de gerar reflexões que possam ser aplicáveis ao cotidiano das grandes cidades, devido às especificidades a que se propõem, e como contribuir para a elaboração de programas sociais e formulação de novas políticas públicas para infância.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pretendeu ler e apresentar a realidade com o intuito de levar à reflexão sobre um determinado fenômeno social. Neste caso, a possibilidade de apropriação do espaço público de lazer pelas crianças de uma comunidade de vulnerabilidade social. Trata-se, portanto, de uma investigação social que, segundo Minayo (1993, apud Gonçalves, 2008, p. 18), considera o sujeito do estudo “[...] pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados”. Sendo assim, pauta-se em uma abordagem qualitativa, fundamentalmente empírica. Considerando isso, esse estilo de pesquisa tem como característica central a descrição e o esforço intelectual indispensável para interpretar códigos, entender as estruturas e significações.

Os instrumentos metodológicos³ utilizados foram: (1) aplicação do protocolo de análise descritiva nos espaços públicos de lazer da região analisada; (2) observação⁴ das formas de apropriação dos espaços em diferentes tempos; (3) entrevistas com lideranças locais;⁵ (4) análise interpretativa utilizando a triangulação dos dados coletados. Foram encontrados quatro espaços públicos formais de lazer para as crianças, sendo: três praças e o espaço da escola.

2 Tais como: Marcellino (1998), Bramante (1998), Mascarenhas (2005), Pacheco (2006), Stigger (2002), Amaral (2003); em Curitiba: Rechia (2003), França (2007), Cagnato (2007), Gonçalves (2008), Gonzaga (2010).

3 A metodologia desta pesquisa foi inspirada nos métodos utilizados na tese de doutorado de Rechia (2003).

4 As observações foram realizadas de forma assistemática, no período entre novembro de 2008 e fevereiro de 2010; quatro vezes por mês, com duração de duas horas em média, em dias e períodos diferenciados.

5 Os entrevistados foram: (4) educadoras; (1) agente de saúde; (1) líder comunitária e agente de lazer voluntária; (1) diretora de escola; (1) assistente social; (1) arquiteta da Prefeitura de Curitiba; e (1) representante da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer.

Em relação ao tema espaço, considera-se o exposto por Luchiari citada por Cagnato (2007, p. 13), que defende “a importância dos espaços para compreensão da articulação e organização da sociedade”. A partir do entendimento de como o espaço está constituído, de suas formas de apropriação, suas transformações, os sentidos e significados a ele atribuídos, é possível entender as relações entre as estruturas física-espaciais e a sociedade.

No caso das discussões associadas ao lazer, este conceito ganha outras características. Afinal, mesmo que as dimensões espaciais sejam responsáveis por dar forma ao espaço, é através da apropriação por parte dos usuários que são atribuídos a ele sentido e significado.

Certeau (1994, p. 40) considera que a apropriação acontece quando alguém estabelece um contrato com outros indivíduos e com o ambiente, através de diferentes formas de comunicação, evidenciando a linguagem corporal. Isto porque, quando se trata de um contrato entre a pessoa e o objeto, o movimento acaba sendo o ponto direto de conexão. Percebe-se tal fato quando, ao mesmo tempo em que um indivíduo influencia o espaço, fazendo com que ele se torne significativo, este espaço o influencia, muitas vezes, determinando suas ações.

Sobre o mesmo tema, Debortoli, Martins e Martins (2008, p. 39) corrobora com Certeau (1994), quando discorre que:

[...] pensar o espaço como prática social significa pensar a sua apropriação, e esta não se reduz à representação do espaço. Refere-se ao sentimento de pertencimento, à compreensão do vivido para além do espaço geométrico.

Já Smolka (2000, p. 32) aponta-nos que o ato de apropriar-se pode ser definido como o tornar próprio, e que tal processo é permeado por tensões sociais.

Nessa perspectiva, a sociedade pode ser focalizada no estudo de um ambiente, que seria a soma de diferentes espaços e das relações neles e entre eles estabelecidas. Sendo assim, Rechia (2006) discorre que, mesmo o espaço sendo planejado para ser apropriado de determinada maneira, os sujeitos podem a qualquer instante (re)significá-lo. É preciso ser sensível para que se consiga perceber o quanto um espaço pode ser significativo e criador de novas apropriações. Assim, mesmo que os sentidos e significados planejados para este espaço tenham um fim específico, coerção, por exemplo, cabe aos indivíduos que irão apropriar-se desse espaço aceitar ou alterar esse plano. Portanto, essa relação, criador-espaço-indivíduo, é ativa nos dois polos.

Santos (1997, p. 25) também ressalta que o conceito de lugar “constitui a dimensão da existência que se manifesta através de um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas, instituições-cooperação e conflito, que são a base da vida em comum”. Reafirma que as relações sociais e a apropriação do espaço são importantes problematizações para o campo da sociologia, pois podem desvendar os sentidos e significados de algumas ações cotidianas.

Rechia e França (2006, p. 63) sintetizam as proposições anteriores, quando escrevem que o “espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivo. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.

Considerando o exposto, infere-se que o espaço é muito mais do que apenas dimensões representadas por números, é nele que as diferenças econômicas, sociais e culturais se materializam, bem como a potencialização das relações sociais. O desafio é perceber como acontece esse dinâmico processo de apropriação do espaço, desvelando os sentidos e significados que os usuários dos mesmos lhes conferem.

Já em relação à especificidade dos espaços públicos de lazer, ressalta-se que estes devem ser legítimos espaços de sociabilidade, palco de transformações sociais e de resistência, tendo como uma das características mais interessantes desses espaços, ainda segundo Rechia (2009, p. 77), “[...] a possibilidade de tornarem-se lugares de encontro por meio de usos combinados e cruzados, pois se mostram como expressão da vida de uma sociedade”.

Segundo Benjamin (2002), a criança só pode vivenciar sentimentos, ética e moral na comunidade em que vive, durante seu cotidiano. Não há como fazer isso, exclusivamente, em salas de aulas, com conteúdos fechados e disciplinadores. O autor afirma que essa dificuldade está centrada na forma como os adultos mascaram, com a experiência, suas intervenções no processo educacional das crianças. Nesse sentido, torna-se interessante discutirmos o que seria o período denominado infância.

Para Sirota (2001), a infância tem sido compreendida a partir de diferentes perspectivas, inicialmente como um período de crescimento, no sentido de formação. Um começo de um ser, ou seja, algo que não existe ainda e está em processo de desenvolvimento, destacando o fato de contar com características frágeis. O que levanta a necessidade de uma sociologia da infância, redefinindo o conceito de criança, considerando-a um ator social que participa ativamente das interações, dos processos de transformação da realidade, e que possui uma vida cotidiana que compreende diferentes esferas. “A criança deve se tornar ela mesma, e possuir os meios para isso”. (SIROTA, 2001, p. 18).

Corroborando com Sirota (2001), Wenzel (2007) ressalta a infância como um processo social, e acrescenta a essa dimensão a histórica, caracterizada por diferentes modos relacionados à sociedade e à cultura em que está inserida.

Considerando a visão sociológica e histórica supracitadas, Rechia (2003) salienta que as experiências vivenciadas na infância em espaços públicos se configuram como um pulsar da vida infantil no meio urbano, os quais são ambientes privilegiados para potencializar alguns valores sociais e históricos importantes ao exercício da cidadania.

Para Jacobs (2000, p. 88):

As crianças da cidade precisam de uma boa quantidade de locais onde possam brincar e aprender [...], no entanto precisam de um local perto de casa, ao ar livre, sem um fim específico, onde possam brincar, movimentar-se e adquirir noções de mundo. É essa espécie de recreação informal que as calçadas propiciam, e as calçadas movimentadas da cidade têm ótimas condições de fazê-lo.

Nesse sentido, os espaços públicos de lazer da cidade podem ser considerados adequados ao lazer infantil, desde que sejam próximos da residência das crianças e possibilitem a vivência de práticas lúdicas. Essa questão está relacionada com o planejamento e a manutenção desses locais. No caso da cidade de Curitiba, esses espaços e equipamentos de lazer são padronizados e, segundo Rechia (2003, p. 61), foram:

[...] uma nova linha de projetos paisagísticos urbanos, concretizados com a implantação de quadras esportivas, playgrounds e pistas de caminhada nas praças. [...] Embora o planejamento dos espaços seja de fundamental importância para oportunizar experiências no âmbito do lazer e dos esportes, essas intervenções deverão estar, sempre que possível, conectadas às políticas públicas que realmente atendam aos anseios do cidadão.

Sendo assim, ressalta-se a importância da conexão entre planejamento, gestão e apropriação dos espaços públicos, para atender às necessidades da infância no que tange às experiências lúdicas no tempo e espaço de lazer.

DIRECIONANDO O OLHAR: OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NA PERIFERIA DE CURITIBA

Rechia (2003, p. 88) afirma que, embora Curitiba seja considerada modelo de “cidade ecologicamente correta, demonstra as contradições da produção do espaço que se baseia em um conceito de “progresso” urbano que contém em si mesmo sua negação: a qualidade de uma área é medida em contradição à precariedade de outras”. Essa contradição será aqui apontada através da análise de uma região localizada na periferia da cidade.

A região do bairro Uberaba, foco desta pesquisa, está inserida no Bolsão de pobreza Audi-União. As localidades selecionadas nesse contexto para esta pesquisa foram: Jardim das Torres, Moradias Itiberê, Moradias Cairo e Jardim Alvorada. A

região foi escolhida após inúmeras visitas, por apresentar espaços com características semelhantes. Atualmente, o que vemos é uma região com as características de loteamento, porém, com problemas de urbanização devido à ocupação irregular, entre eles a proximidade da ferrovia. Pode-se, assim, caracterizar a população residente na área pesquisada como apresentando baixa escolaridade, baixa remuneração e maior número de moradores por domicílio, destacando um peso maior de crianças e jovens, fato esse que ressalta possíveis demandas de políticas sociais específicas para estas faixas etárias.

A região observada é atendida, basicamente, por uma escola, uma Unidade Municipal de Saúde, uma agência da FAS – Fundação de Ação Social. Foram observadas também iniciativas não governamentais na região, tais como: Projeto Sol Nascente,⁶ projetos de contraturno escolar, entre outros. Conclui-se que essa é uma área de vulnerabilidade social, com forte atuação de diversas instâncias de promoção e recuperação social.

Na sequência apresenta-se uma descrição densa dos espaços públicos formais de lazer inseridos na área selecionada para esta pesquisa, a partir da triangulação dos dados coletados durante as observações e entrevistas, sendo estes: (1) Praça do Cairo; (2) Praça Homero Morinobu Oguido; (3) Praça Renato Russo; e (4) Escola Maria Marly Piovezan.

A “Praça do Cairo” conta com uma área total de 1.410 m², é de responsabilidade municipal, e tem como funções básicas atividades recreativas e esportivas. É composta basicamente por quatro ambientes: uma área de estar⁷ com 3 bancos de madeira, feitos com tocos de árvore; 1 quadra de futebol de areia cercada e com traves; 1 quadra de vôlei de areia e o espaço do parquinho, com o chamado trio de ferro, composto por escorregador, trepa-trepa e gangorra.

Existe a manutenção dos equipamentos, porém sem iluminação. Nesse caso, a arquiteta entrevistada destaca que o item iluminação é, normalmente, a parte mais cara do espaço e a mais depredada, além de diretamente relacionada com a segurança no período noturno. Ela salienta ainda que:

[...] às vezes, quando estamos fazendo um projeto de implantação de uma área, é necessário fazer uma pista de caminhada, uma cancha, um parquinho e a iluminação. Se o dinheiro não for suficiente, o que vamos cortar? Primeira coisa: a iluminação.

6. O projeto Sol Nascente é uma iniciativa comunitária para mobilização e ações objetivando o desenvolvimento sustentável da região.

7. Segundo a arquiteta entrevistada, “O ‘estar’ é uma área mais de descanso, para poder ficar ali, sempre próxima do parquinho, porque geralmente as mães levam as crianças e ficam por ali olhando.”

Uma praça com equipamentos, se não iluminada, pode ser apropriada inclusive no período noturno? Refletindo sobre esta questão, acredita-se que a falta de iluminação deve ser pensada como um fator limitador para a apropriação do espaço público de lazer, e também um facilitador para a violência e, conseqüentemente, para o seu esvaziamento.

A limpeza é insuficiente, pois há presença de lixo e ausência de lixeiras. Sobre este fato, a arquiteta infere que:

As praças maiores têm um "praceiro", um responsável que fiscaliza a manutenção da praça. As menores têm um esquema de rodízio para a manutenção. A lixeira seria responsabilidade da limpeza pública, através do caminhão de lixo e da equipe de manutenção da praça. Se não tiver alguém responsável por tirar o lixo todo dia, vai se acumulando. O povo vê a lixeira e pensa, Ah! Vamos deixar lá. Então a gente prefere tirar, que não tenha lixeira em nenhum lugar.

A partir dessa declaração, notamos que não há na gestão pública uma preocupação em promover com a comunidade uma discussão mais apurada sobre a necessidade de cuidado com a praça e sim, parece que há uma gestão que prefere retirar a lixeira ao invés de conscientizar a população.

A ausência de ações efetivas nesse espaço, relatada pelos informantes, pode explicar a falta de apropriação. Entretanto, há brechas que foram percebidas de forma pontual em dois momentos, ambos no período da tarde em dias de sol. No primeiro caso, adolescentes jogavam futebol na cancha de areia. Interpelando duas meninas que observavam o jogo, obteve-se a informação de que os atores da cena faziam parte de uma Unidade de Atendimento Integral da Prefeitura Municipal de Curitiba. Num segundo momento, observou-se a chegada e permanência de um grupo de crianças com duas professoras, essas carregavam garrafas grandes de água, copos de plástico e uma bola. Algumas crianças correram para os equipamentos do playground, outras optaram por brincar na areia, um grupo de meninos dirigiu-se à quadra de futebol, após solicitar a bola às professoras. Atividades dirigidas foram realizadas cerca de 15 minutos após a chegada do grupo. Conversando com uma das responsáveis, soube-se que elas eram voluntárias da instituição da qual as crianças faziam parte, neste caso uma ONG.

A educadora (4) também comentou que, esporadicamente, vai com seu grupo de alunos até este espaço para brincar. Sobre a praça, afirmou que:

Ela já foi melhor utilizada, agora está abandonada. As pessoas brigaram tanto pela praça e agora quem fica lá são os maloqueiros e bêbados com "tubão", "litirão" e carros parado com som alto que não deixam nem o pessoal passar no meio da praça, tem que dar a volta. Antes a gente fazia campeonato de futebol até na praça.

Em síntese, a “Praça do Cairo” é um espaço de lazer infantil, porém pouco apropriado devido à falta de iluminação e limpeza, o que limita as ações lúdicas.

O segundo espaço analisado é a Praça Homero Morinobu Oguido, que se localiza entre as ruas Sarg. Luiz G. Martins Ribas, Dr. Fabio R. Bertoli Arns e Avia-dor Armin Buhner, com uma área total de 4.140 m². A partir dos equipamentos observados, conclui-se que é destinada a atividades esportivas e recreativas da população local. O espaço é composto por: 1 parquinho composto pelo trio de ferro (gangorra, escorregador e trepa-trepa); 2 bancos de madeira; 1 quadra de vôlei de areia, com 2 postes para colocação de redes de vôlei; 1 quadra de futebol de areia, cercada por alambrado, com entradas laterais e 2 traves. Postes altos compõem a iluminação, destoando do modelo tradicionalmente utilizado nos parques e praças da cidade de Curitiba. A arquiteta explica que:

Você instala a iluminação e em uma semana não há mais nada, tudo foi roubado. A solução encontrada foi concretar a fiação ou colocar o super pop. Ou seja, um poste que tem quatro pés com doze metros de altura. Fica esteticamente feio, porém impede o acesso às lâmpadas. Mas, em espaços com árvores, este tipo de poste não é efetivo.

Este espaço não apresenta manutenção: observaram-se equipamentos quebrados, enferrujados e sem pintura. Nas quadras e nos arredores da praça pode-se ver muito lixo e excrementos, bem como animais pastando.

Nesse sentido, segundo as educadoras (1) e (2), como não há apropriação por parte dos adultos, a comunidade não participa efetivamente da manutenção e segurança dos espaços. Na opinião da assistente social, falta maturidade social a esta população:

[...] se a comunidade tem um incentivo dos líderes que a mobilizam a cuidar, ela participa, agora ela por si só não consegue se mobilizar, nem ter esse movimento de cuidar, de proteger.

A linha do trem pode ser observada ao lado da praça, sendo que, com a passagem da locomotiva e de seus vagões, o que ocorre diariamente, grande quantidade de poeira e areia são jogadas no espaço da praça.

Em uma das margens da praça está localizado um espaço de contraturno municipal. As educadoras da instituição comentaram que não há projetos desenvolvidos de forma sistemática no espaço da praça, mas que constantemente levam as crianças para brincarem no espaço em questão.

Quanto à apropriação, nos fins de semana observou-se duas vezes três crianças brincando na areia e no parquinho, em outra oportunidade pessoas bebendo e fumando, e no restante apenas a praça vazia.

O que parece preocupante é o fato das crianças não estarem acompanhadas por adultos, o que é confirmado pela educadora (01):

Não tem nenhum adulto junto, o adulto maior às vezes é um adolescente, um irmão mais velho ou um colega mais velho [...] normalmente que está ali brincando também, são crianças cuidando de crianças. [...] Aqui de 6 anos para cima já andam totalmente sozinhas, já se cuidam e vão além, cuidam umas das outras.

A assistente social entrevistada acrescenta que a maioria dos pais está ausente durante todo o dia, trabalhando como catadores de papel ou empregadas domésticas. Outra situação relatada pela mesma entrevistada é que, além da rotina escolar:

[...] temos duas situações: as (crianças) que frequentam os contraturnos, cerca de 20% das crianças da comunidade e o restante, as que ficam em casa sozinhas.

Em síntese, destaca-se a falta de manutenção e de apropriação deste espaço por parte da comunidade, e a relação dos alunos do contraturno com a Praça.

O terceiro espaço pesquisado foi a Praça Renato Russo, a maior do bairro, que situa-se entre as ruas Cap. Leônidas Marques, Velcy Bolivar Grando e Amauri Mauad Guerios, com 21.213 m² de área total. Está localizada ao lado da Escola Municipal Maria Marli Piovezan e, juntos, estes dois espaços públicos ocupam uma quadra completa do bairro. É de responsabilidade municipal e é especificamente destinada a atividades esportivas e recreativas.

Quanto à composição estrutural, a Praça Renato Russo apresenta: uma ampla quadra de futebol de areia, com duas traves, cercada por alambrado, com entradas laterais nos quatro cantos; uma quadra de vôlei de areia, com 2 postes para colocação de rede; uma pista de caminhada que contorna e divide ao meio a praça e a escola; equipamentos feitos de madeira para alongamento. O parquinho é formado por: trio de ferro (escorregador, trepa-trepa e gangorra), instalados sob um solo de areia; bancos de toco de madeira, próximos à quadra de vôlei e do espaço do parquinho; espaços vazios e gramados. O final da praça é marcado pelo muro do ginásio escolar.

Quanto à manutenção, os equipamentos estão em boas condições de uso, há iluminação, porém observou-se grama alta e acúmulo de lixo.

Já em relação à apropriação, a educadora (4) aponta-nos que:

A Praça Renato Russo só tem movimento quando tem uma atividade programada e dirigida que é utilizado o espaço da praça, fora isso é vazia, a não ser quando uma ou outra criança na entrada do Maria Marli (escola) dá uma fugidinha para o parquinho.

A praça permanece vazia na maior parte do tempo. Segundo o agente de saúde, há uma forte relação entre a segurança e a falta de apropriação dos espaços públicos:

[...] a praça como um espaço vazio fica também mais inseguro, justamente pela falta de pessoas.

A assistente social entrevistada também relacionou o vazio nos espaços públicos com a questão da segurança:

[...] porque como uma família vai deixar o filho vir lá do União, atravessar a linha, que é um divisor na questão da violência aqui, mas também chegar em uma praça que não tem nenhuma segurança, guarda municipal ou polícia que faça uma segurança, nem um professor? Uma criança vai ficar ali sozinha e, se acontecer alguma coisa, ela vai estar ali sem ninguém para ajudá-la.

Para sanar a problemática do esvaziamento, a assistente social explana sobre a importância das atividades dirigidas às crianças nos espaços públicos, tais como: festivais e colônias de férias.

Embora o esvaziamento seja um fato, observaram-se algumas brechas nessa configuração. Por exemplo, um grupo de mulheres caminhava às terças-feiras e quintas-feiras, no final da tarde, e levava as crianças (filhos, netos), que ficavam brincando no parquinho; aos sábados pela manhã, quando o tempo estava ensolarado, as aulas de capoeira eram ministradas no gramado da praça e, à tarde, havia um grupo de adultos jogando vôlei na cancha de areia.

Em eventos realizados nesta praça, o parquinho, a cancha de futebol e o muro da escola também eram palcos da brincadeira. Infere-se que eventos poderiam potencializar as diferentes formas de apropriação da praça, pois levam a comunidade a conhecer e relacionar o espaço público como propício para as vivências de lazer; fato este reforçado pela fala da educadora (2):

Eu acho que tem que ter mais eventos nas praças, para que elas sejam mais conhecidas, porque tem gente adulto que não conhece as praças, e vai ser melhor aproveitada porque as crianças vão assimilar a praça como espaço de lazer. [...] Porque temos que dar um motivo para os pais irem que, conseqüentemente, as crianças irão junto.

Nesse sentido, detecta-se a escassez de eventos, no campo do lazer, nas praças da região pesquisada.

A educadora (4), também em referência à SMEL- Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, afirma que a Secretaria atua na comunidade de forma pontual (uma ou duas vezes por ano), e com empréstimo de materiais.

Outro fato é que a preferência pelo espaço da escola, considerado mais seguro pela comunidade, interfere na apropriação da Praça Renato Russo, como infere o agente de saúde:

[...] a praça só é uma opção em feriados, ou outros momentos em que a escola se encontre fechada, aí eles vão para praça, mas é muito difícil.

Acredita-se que a falta de intervenções dirigidas, a escola como opção de espaço de lazer e a distância são fatores limitantes para a efetiva apropriação desse espaço.

Durante as observações, verificou-se que algumas crianças passam pelo parquinho, utilizam rapidamente o escorregador, e vão para casa, como se aquilo fizesse parte do caminho. Observou-se também, nos horários de início e término das aulas, a passagem de muitos pais e/ou adultos responsáveis pela pista de caminhada. Em dias de sol ameno, constatou-se a presença de algumas mães (duas ou três vezes) com crianças pequenas brincando no parquinho durante o período da tarde.

Acredita-se que a Praça Renato Russo é um espaço público estruturado, construído sobre um campo de grama, que outrora mobilizou a comunidade, mas que em sua atual forma não gera um sentimento de pertencimento. Ademais, por questões relacionadas à violência e à falta de intervenções do poder público, é esvaziada boa parte do tempo. Ressalta-se que um espaço vazio tende a ficar mais vazio, e apenas eventos pontuais não conseguem dar movimento contínuo ao espaço público.

Após a descrição das praças pesquisadas na região, surge a escola como referência para o lazer das crianças da região.

A Escola Municipal Professora Maria Marli Piovesan, localizada na Avenida Velcy Bolívar Grandó, s/n.^o, atende Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. Os espaços da escola são utilizados, durante os horários de funcionamento⁸, para atividades relacionadas à educação formal e também por projetos diferenciados, tais como: de esporte e lazer, combate às drogas, geração de renda, entre outros. A escola é composta por 18 salas de aula, pátio interno, pátio externo amplo e com piso de cimento, em que se localizam os 03 parques infantis, a cancha aberta e o ginásio.

Quanto à apropriação da escola como espaço de lazer, a educadora (4) apresenta as ações desenvolvidas:

8. Segunda à quinta-feira, das 7 às 22 horas, sexta-feira, das 07 à 01 hora, sábado das 09 as 17 e das 21 à 01 hora, domingo das 09 às 17 horas.

Aqui no ginásio da escola Maria Marli as ações são desenvolvidas por voluntários, bolsistas, educadores, atuando nos projetos Bola Cheia, parte da noite na sexta e sábado; Comunidade Escola, sábado e domingo; e no período escolar normal é rotina ter as escolinhas de futebol.

Vale salientar que, a partir de intervenções, a apropriação pode ser favorecida. Um exemplo são as atividades extracurriculares, dentre elas destacam-se os treinamentos desportivos (futebol e projeto de tênis) e a música (canto coral). Além disso, a escola sedia dois programas municipais relacionados ao lazer, e participa ativamente de ações voltadas à sustentabilidade.

Nas atividades dirigidas para o público infantil, observaram-se aulas de capoeira no pátio interno e externo, e treinos de futebol no ginásio. Durante a realização dessas atividades, sempre haviam crianças brincando nos parquinhos, com bicicletas, e nas grades. Eventos de lazer também foram presenciados e, nestes casos, o espaço do ginásio foi utilizado como espaço para dança, jogos gigantes, pintura de rosto, brincadeiras com bolas e colchonetes, contação de histórias, entre outros.

Observou-se que, nos momentos de lazer, o maior número de crianças se envolve com o futebol (com orientação de um professor) e o tênis de mesa. Percebe-se também que, algumas vezes, as crianças trazem seus brinquedos de casa, como bonecas, carrinho e até a própria bicicleta, para vir brincar no pátio da escola. A presença de pais ou adultos não foi notada, exceto dos voluntários e educadores da comunidade vinculados às ações ali realizadas.

A líder comunitária afirma que a maioria das crianças vem desacompanhada dos pais para as atividades de lazer de fim de semana, e são recebidas pelos professores e voluntários dos projetos sociais. Ressalta-se que a maioria dos frequentadores dessas ações já tem uma relação com a escola, seja em projetos de contraturno, com as lideranças comunitárias, ou como aluno regular. Entende-se que as crianças venham e permaneçam no espaço da escola por sentirem-se seguras neste espaço.

Em relação à participação dos pais, a diretora relata comparecimentos apenas nos eventos, embora sejam insistentemente solicitados.

A respeito da manutenção, a diretora conta que a escola não é depredada ou pichada, mas sua estrutura sofre com desgaste decorrente do intenso uso. Não se presenciou, durante as observações, vandalismo no espaço da escola. Observou-se a equipe de limpeza, durante os intervalos das atividades, trabalhando para manter a escola limpa.

Em referência à apropriação do espaço da escola, a diretora aponta que:

Os alunos se apropriam da escola, ela é uma referência. É um lugar bonito e agradável. Eles podem vir e usar a qualquer hora. É fato que alguns alunos usam mais que outros. Nessa questão de se apropriar, quem participa mais, se envolve e cuida mais. Precisaria que toda a comunidade tivesse esse sentimento de pertencimento, mas ainda não tem.

Nesse sentido, a diretora também afirma que considera a escola como um espaço de lazer para a comunidade, e que esse sucesso está relacionado também com a praticidade:

Porque a escola na hora que ela abre tem toda uma estrutura. É diferente quando você vem para um lugar organizado e quando você tem que se organizar para ir para um lugar.

Conclui-se que a escola é um espaço de lazer para as crianças, e que os projetos de incentivo ao lazer conseguem, de certa forma, auxiliar no processo de apropriação e (re) apropriação dos espaços. Além disso, trata-se de um espaço seguro, onde adultos recebem, protegem e ensinam as crianças também no tempo e espaço de lazer.

REFLEXÕES FINAIS OU INICIAIS?

Na investigação dos espaços de uma cidade, os encontros e desencontros nas relações entre o espaço físico, a gestão e a comunidade ganham destaque, pois é nos espaços que as diferenças econômicas e sociais se materializam. A vulnerabilidade social presente na área pesquisada é um desses desencontros.

O modelo dos espaços públicos de lazer de Curitiba pode ser considerado "sucesso" se analisado somente na região central, porém em relação à gestão na periferia da cidade parece ser um "racasso". Faz-se muito pouco em relação à manutenção e limpeza, e também em relação à educação para os usos desses espaços no tempo de lazer, o que contribui para a ausência de apropriação.

Emergem ainda como limites que dificultam, e até mesmo impedem, a apropriação por parte das crianças no tempo e espaço de lazer: o sentimento de insegurança da comunidade, a violência, o próprio vazio dos espaços, a raridade de ações no âmbito do esporte e lazer, a ausência dos pais no cotidiano infantil, assim como questões relacionadas à gestão e administração dos espaços.

Conclui-se que parecem existir poucas possibilidades para a vivência do lazer infantil nos espaços delimitados na pesquisa. Percebe-se que as crianças não frequentam esses espaços, portanto não se constituem como espaços de lazer vivenciados, com sentidos e significados para a comunidade local.

Ressalta-se ainda que a escola, que não tem a função de ser um espaço de lazer, assume esse papel, especialmente por questões de segurança e sua rotina intensa de projetos. Mesmo assim, salienta-se que estes, muitas vezes, não educam politicamente o cidadão, restringem a intervenção no modelo tradicional das práticas esportivas e de forma localizada na escola, e os frequentadores não conseguem ir além, se apropriando dos outros espaços de lazer da cidade.

Acredita-se que um ângulo interessante para analisar as novas dinâmicas urbanas, que incluem a falta de segurança, não é apenas transformar a escola em um espaço de lazer, mas sim elaborar respostas aos desafios que se apresentam no espaço público, e a relação entre sua configuração e o exercício da cidadania, entendida como um estatuto que permite exercer um conjunto de direitos e deveres cívicos, políticos e sociais, que incluem o direito à cidade e à apropriação de todos os seus espaços públicos, com segurança e liberdade.

Parece inerente a necessidade de mostrar a importância de articular meios para a vivência do lúdico, mobilizando a comunidade e o Estado na busca do direito ao lazer na infância nessa região.

O desafio, especificamente urbano, que está posto aos pesquisadores, educadores, gestores, e outros envolvidos com a temática em questão é fazer da cidade, de suas centralidades e monumentalidades, da mobilidade e acessibilidade generalizadas, da qualidade e visibilidade de seus bairros, da força da integração de seus espaços públicos, da autoestima de seus habitantes, uma produtora de sentido da vida cotidiana, de cidadania.

Children´s leisure in Uberaba, a district of Curitiba: the dialectic between leisure areas and urban problems in the periphery

ABSTRACT: The intention was to analyse how public spaces of leisure on the outskirts of Curitiba meet children's needs, its relations with the public administration and urban problems. The methodological procedures were: implementation of protocols, observations, interviews with local leaders and interpretive analysis. We concluded that in this area there is little chance for experience leisure areas, limited violence, empty spaces, the rarity of state actions, and the absence of parents in children's daily lives. It seems inherent the need of articulating actions for leisure experience, by mobilizing the community and the state in search of the right to leisure in childhood in the suburbs of large cities.

KEYWORDS: City; leisure; childhood; periphery.

Ocio infantil en el barrio en Curitiba Uberaba: la dialéctica entre el ocio y las áreas problemáticas en la periferia urbana

RESUMEN: La intención era analizar cómo los espacios públicos de ocio en las afueras de Curitiba satisfacen las necesidades de los niños, sus relaciones con la administración pública y los problemas urbanos. Los procedimientos metodológicos fueron: aplicación de protocolos, observaciones, entrevistas con líderes locales y análisis interpretativo. Llegamos a la conclusión de que en esta región hay pocas posibilidades para la experiencia del área de juego, la violencia limitada, espacios vacíos, la rareza de las acciones del Estado, la ausencia del padre en la vida diaria de los niños. Parece inherente a la necesidad de articular acciones con la experiencia de juego, la movilización de la comunidad y el Estado en busca del derecho al ocio en la infancia en los suburbios de las grandes ciudades.

PALABRAS CLAVE: Ciudad; el ocio; la infancia; la periferia.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. C. F. Políticas públicas de lazer e participação cidadã: entendendo o caso de Porto Alegre. 2003. 192 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Editora 34, 2002.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. Licere, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, 1998.

CAGNATO, E. V. Praça Afonso Botelho: o foco das observações no âmbito do esporte e do lazer. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F.; MARTINS, S. A. Introdução. In: _____. (Org.). Infâncias na metrópole. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008. p. 11-46.

FRANÇA, R. Diálogos entre oferta e demanda: uma análise da relação entre o poder público e os grupos de ativismos sociais referentes aos parques da cidade de Curitiba. 2007. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GONÇALVES, F. S. Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz: suas formas de apropriação no tempo espaço de lazer. 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em

Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

GONZAGA, F. Espaços públicos de lazer no centro de Curitiba: a transformação da cidade urbana para cidade humana. 20010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

HECKTHEUER, L. F. A.; SILVA, M. R. S.; SILVA, R. M. S. O esporte nos projetos sociais e a produção dos sujeitos vulneráveis. In: FRAGA, A. B. et al. Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos. Porto Alegre: Gênese, 2009. p. 89-99. (Série Esporte, Lazer e Saúde).

JACOBS, J. A morte e vida das grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LAUFER, A. M. Recomendações para projeto de brinquedos de recreação e lazer existentes em playgrounds adaptados à criança com paralisia cerebral. 2001. 102f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Departamento de Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

LAVILLE, C.; DIONEE, J. A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: ARTMED; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

_____. O direito a cidade. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MARCELLINO, N. C. Lazer e educação. 3. ed. Campinas: Papirus, 1998.

MASCARENHAS, F. Lazer como prática de liberdade: uma proposta educativa para a juventude. 2. ed. Goiânia: Ed. da UFG, 2005.

PACHECO, R. T. B. A escola pública e o lazer: impasses e perspectivas. In: PADILHA, V. (Org.). Dialética do lazer. São Paulo: Cortez, 2006. p. 173-212.

RECHIA, S. Parques públicos de Curitiba: a relação cidade – natureza nas experiências de lazer. 2003. 199 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____. O jogo do espaço e o espaço do jogo em escolas da cidade de Curitiba. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 22, n. 2, p. 91-104, jan. 2006.

_____. Planejamento dos espaços e equipamentos de lazer nas cidades: uma questão de “saúde urbana”. In: FRAGA, A. B. et al. Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos. Porto Alegre: Gênese, 2009. p. 76-88. (Série Esporte, Lazer e Saúde).

RECHIA, S.; FRANÇA, R. O Estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de lazer e esporte: apropriação, desapropriação ou reapropriação. In: MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOILLI, F. R.; SOUZA, D. L. Lazer e esporte: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74.

SANTOS, M. *Metamorfose do espaço habitado*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SIROTA, R. *Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 112, mar. 2001.

SMOLKA, A. L. B. O (im) próprio e o (im) pertinente na apropriação das práticas sociais. Cadernos Cedes, Campinas, ano 20, n. 50, abr. 2000.

STIGGER, M. P. *Esporte, lazer e estilo de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, 2002.

TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WENETZ, I. Sociabilidade e gênero: negociações/imposições no espaço do recreio. In: STIGGER, M. P.; GONZÁLEZ, F. J. SILVEIRA, R da (Org.). *Esporte na cidade: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007. p. 117-132.

Recebido: 4 out. 2010

Aprovado: 19 jul. 2011

Endereço para correspondência:

Aline Tschoke

Rua Mauricio Nunes Garcia, 280. Ap.509

Jardim Botânico - Curitiba - PR - Brasil

CEP 80210-150